

1

O Edifício Treloar ficava, como ainda fica, na Olive Street, perto da Sexta Avenida, no lado oeste. A calçada à frente tinha sido feita com blocos de borracha em preto e branco. Agora, eles estavam sendo arrancados para doação ao governo, e um homem pálido, sem chapéu, com cara de superintendente do prédio, observava o trabalho como quem está com o coração partido.

Passsei por ele e entrei numa galeria cheia de lojas especializadas, que conduzia a um amplo saguão em negro e dourado. As Empresas Gillerlain ficavam no sétimo andar, em frente ao elevador, por trás de portas de vaivém de vidro com reforços em platina. A sala de espera tinha tapetes chineses, paredes foscas em tom de prata, mobília sofisticada e cheia de ângulos, pedaços luzidios de esculturas abstratas em cima de pedestais e um enorme mostruário triangular num canto. Ao longo de plataformas e degraus e ilhas e promontórios de espelho reluzente, ele parecia conter cada garrafa exótica e cada caixa que já tinham sido projetadas por alguém; havia cremes e pós e sabonetes e águas de toalete para cada estação do ano e para cada ocasião social. Havia perfumes em vidros altos e compridos que davam a impressão de que um bafo os derrubaria, e perfumes em pequenos frascos em tonalidade pastel atados com caprichosos laços de cetim, como meninas numa aula de dança. O ponto alto de tudo era algo que parecia pequeno e simples, num frasco quadrado cor de âmbar.

Estava no meio da exposição, à altura dos olhos, tinha um espaço enorme só para si, e exibia o rótulo *Gillerlain Regal, o Champanhê dos Perfumes*. Era o produto que todas deviam querer. Uma gota daquilo na covinha de sua garganta e pérolas cor-de-rosa, combinando, começariam a cair sobre você como uma chuva de verão.

Uma loura miudinha, bem-feita, estava sentada no canto, numa pequena mesa telefônica por trás de uma grade, bem a salvo de qualquer perigo. Numa escrivaninha alinhada com a porta estava uma beldade alta, esguia, de cabelos escuros, cujo nome, de acordo com a plaqueta metálica sobre a mesa, era srta. Adrienne Fromsett.

Vestia um conjunto cinza-metálico, com uma blusa azul-escura e uma gravata masculina de tom mais claro. As bordas do lenço dobrado no bolso superior do casaco pareciam afiadas o bastante para fatiar um pão. Usava uma pulseira de correntinha e nenhuma outra joia. O cabelo escuro estava repartido e caía em ondas soltas mas estudadas. A pele era lisa, cor de marfim; tinha sobrancelhas severas, e os olhos grandes e escuros davam a impressão de que poderiam se aquecer na hora certa e no lugar adequado.

Pus na mesa o cartão de visita que tinha apenas meu nome, sem a gravura da metralhadora no canto, e pedi para ver o sr. Derace Kingsley. Ela olhou o cartão e disse: “Tem hora marcada?”

“Não marquei hora.”

“É muito difícil ver o sr. Kingsley sem marcar um horário.”

Não era algo que eu pudesse questionar.

“Qual a natureza do seu trabalho, sr. Marlowe?”

“Pessoal.”

“Entendi. O sr. Kingsley o conhece, sr. Marlowe?”

“Não creio. Talvez ele me conheça de nome. Pode dizer que vim indicado pelo tenente M’Gee.”

“E o sr. Kingsley conhece o tenente M’Gee?”

Ela pôs meu cartão sobre um monte de folhas com cabeçalhos recém-datilografados. Recostou-se e pôs um braço sobre a mesa, onde ficou tamborilando com um pequeno lápis dourado.

Sorri para ela. A loura na mesa telefônica inclinou em nossa direção uma orelhinha em forma de concha e produziu um sorriso fofo. Parecia ser uma garota divertida, animada, mas não muito segura de si, como uma gatinha recém-nascida numa casa onde não se liga muito para gatos.

“Espero que conheça”, respondi. “Mas talvez a melhor maneira de descobrir seja perguntando.”

Ela pôs as iniciais em três cartas, bem depressa, para evitar jogar em mim o porta-lápis. Falou sem erguer os olhos.

“O sr. Kingsley está em reunião. Entregarei seu cartão assim que surgir uma oportunidade.”

Agradei e fui sentar numa poltrona toda de cromo e couro, que era muito mais confortável do que parecia. O tempo foi passando, e o silêncio descendo sobre a cena. Ninguém entrou, ninguém saiu. A mão elegante da srta. Fromsett movia-se sobre os papéis, e de vez em quando se ouvia a voz abafada da gatinha na mesa telefônica, e os cliques dos plugues entrando e saindo das conexões.

Acendi um cigarro e puxei um cinzeiro de pedestal para perto da poltrona. Os minutos passaram na ponta dos pés, com um dedo sobre os lábios. Examinei o local. Não dá para dizer nada sobre um ambiente como aquele. Talvez estejam lucrando milhões; talvez o xerife esteja na sala dos fundos, com a cadeira inclinada de encontro ao cofre.

Meia hora e três ou quatro cigarros depois uma porta se abriu por trás da mesa da srta. Fromsett e dois homens saíram por ela recuando, às gargalhadas. Um terceiro homem segurava a porta para eles e os ajudava a gargalhar. Todos apertaram as mãos com entusiasmo e os dois homens cruzaram o escritório e saíram. O sorriso no rosto do terceiro homem desabou e ele deu a impressão de que nunca tinha sorrido a vida inteira. Era um tipo alto num terno cinza e não gostava de gracinhas.

“Alguém ligou?”, perguntou numa voz seca de patrão.

A srta. Fromsett respondeu com suavidade: “Um tal sr. Marlowe quer vê-lo. Da parte do tenente M’Gee. Assunto pessoal.”

“Nunca ouvi falar”, rosnou ele. Pegou meu cartão, nem olhou para mim, e voltou a entrar no escritório. O fecho automático cerrou a porta com um som que parecia dizer “pfui”. A srta. Fromsett me deu um sorriso docemente triste e eu correspondi com um esgar obscuro. Devorei outro cigarro e o tempo foi se arrastando. Eu estava começando a me afeiçoar às Empresas Gillerlain.

Dez minutos depois a porta voltou a se abrir e o mandachuva saiu, agora com chapéu, e resmungando que ia cortar o cabelo. Foi atravessando o tapete chinês num passo atlético e, quando estava a meia distância da porta, deu uma guinada brusca e veio até onde eu estava sentado.

“Quer falar comigo?”, rosnou.

Teria bem mais de um metro e oitenta e não havia muita coisa suave nele. Os olhos eram cinzentos como uma pedra, com lampejos de uma luz fria. Preenchia um terno de tamanho grande em flanela cinza, com risca de giz bem discreta, e o preenchia com elegância. Sua atitude dizia que era um sujeito duro de lidar.

Fiquei de pé. “Se o senhor é o sr. Derace Kingsley.”

“E quem diabo você achou que eu fosse?”

Deixei que ele ganhasse esta e estendi-lhe meu outro cartão, o que indicava meu ramo de atividade. Ele o recolheu com uma pata enorme e o examinou fazendo uma careta.

“Quem é M’Gee?”, perguntou.

“Apenas um cara que eu conheço.”

“Estou fascinado”, disse ele, relanceando um olhar até a srta. Fromsett. Ela gostou. Gostou bastante, até. “Pode adiantar mais alguma coisa sobre ele?”

“Bem, o pessoal o chama de Violets M’Gee”, falei. “Porque ele costuma mastigar umas pastilhazinhas para garganta que cheiram a violeta. É um homem grandão com cabelos brancos, finos, e uma boca feita para dar beijos em bebês. Quando foi visto pela última vez estava usando um terno azul bem cortado, sapatos marrons de bico quadrado, um chapéu *homburg* cinzento, e fumando ópio num pequeno cachimbo de roseira.”

“Não estou gostando do seu jeito”, disse Kingsley numa voz que daria para partir uma castanha.

“Sem problema”, falei. “Não está à venda.”

Ele recuou a cabeça como se eu tivesse aproximado de suas narinas um peixe morto há uma semana. Depois de um instante deu-me as costas e disse por cima do ombro:

“Vou lhe dar exatamente três minutos. Deus sabe por quê.”

Passou queimando o tapete diante da mesa da srta. Fromsett, empurrou a porta e passou, deixando que ela se fechasse em minha direção. A srta. Fromsett gostou desta também, mas achei que agora havia um risinho solerte nos seus olhos.

2

A sala dele era tudo que um escritório privado deve ser. Era espaçosa, não excessivamente clara, tranquila, com ar-condicionado; as janelas estavam fechadas e as persianas meio descidas para bloquear o clarão de julho. Cortinas cinzentas combinavam com o tapete cinzento. A um canto havia um grande cofre negro e prateado, e uma fileira de estantes de arquivos combinando com ele. Na parede via-se uma grande foto colorizada de um cavalheiro idoso com um nariz recortado a cinzel, suíças e colarinho de pontas viradas. O pomo de adão que emergia por cima do colarinho parecia ser mais duro do que a maioria dos queixos que há por aí. Uma placa sob a foto dizia: *Mr. Matthew Gillerlain 1860-1934*.

Derace Kingsley rodeou com vigor a escrivaninha de oitocentos dólares e plantou o dorso numa cadeira alta toda em couro. Ele próprio extraiu de dentro de uma caixa de cobre e mogno um panatela, cortou a ponta e o acendeu com um rotundo isqueiro de cobre que havia sobre a mesa. Levou todo o tempo que quis. Nada daquilo teve a ver com o meu tempo. Quando terminou, ele se recostou na cadeira, soprou um pouco de fumaça e disse:

“Sou um profissional. Não perco meu tempo com gracinhas. Seu cartão diz que você é um detetive licenciado. Me mostre mais alguma prova.”

Puxei minha carteira e lhe estendi alguns itens que o provavam. Ele olhou e os atirou de volta sobre a mesa. O envelope plástico com a fotocópia da minha licença caiu no chão. Ele não se deu ao trabalho de pedir desculpas.

“Não conheço M’Gee”, disse ele. “Conheço o xerife Petersen. Pedi a ele o nome de um homem de confiança para prestar um serviço. Imagino que esse homem seja você.”

“M’Gee trabalha na subestação de Hollywood ligada ao escritório do xerife”, disse eu. “Não é difícil de checar.”

“Não é preciso. Acho que você serve, mas não se meta a esperto comigo. E lembre-se disto: quando eu contrato um sujeito, ele é meu. Ele faz exatamente o que eu lhe digo para fazer e mantém a boca fechada. Ou então ele desaparece rápido. Ficou claro? Espero não estar sendo rude demais com você.”

“Por que não deixamos esta questão em aberto?”, disse eu.

Ele franziu a testa e atacou: “Quanto você cobra?”

“Vinte e cinco por dia, mais as despesas. Oito centavos o quilômetro rodado pelo meu carro.”

“Absurdo”, disse ele. “Isso é demais. Quinze por dia, total. Dá e sobra. Paguei a quilometragem rodada, se for razoável, do jeito que andam as coisas. Mas nada de passear às minhas custas.”

Soprei uma pequena nuvem cinza de fumaça de cigarro e a dispersei com a mão. Não falei nada. Ele pareceu um pouco surpreso ao não me ver falar.

Inclinou-se sobre a mesa e apontou o charuto para mim. “Ainda não o contratei”, disse, “mas, se o fizer, saiba que o trabalho é absolutamente confidencial. Nada de conversar a respeito com seus amigos da polícia. Entendeu?”

“O que, exatamente, o senhor quer pedir para ser feito, sr. Kingsley?”

“E em quê isso é da sua conta? Você faz todo tipo de trabalho de detetive, não faz?”

“Nem todos os tipos. Só os tipos que são razoavelmente honestos.”

Ele me fitou olho no olho, a mandíbula contraída. Os olhos cinzentos estavam opacos.

“Por exemplo, não faço investigações para divórcio”, falei. “E cobro cem dólares de depósito — de estranhos.”

“Ora, ora”, disse ele, a voz subitamente macia. “Ora, ora.”

“Quanto a estar sendo rude demais comigo”, disse eu, “a maior parte dos clientes começa chorando na minha camisa, ou então falando grosso para mostrar quem manda. Mas, de um modo geral, no fim eles ficam bastante razoáveis — se ainda estão vivos”.

“Ora, ora”, disse ele de novo, na mesma voz macia, e ficou me encarando. “Perde muitos deles?”

“Não, se me tratam direito”, respondi.

“Pegue um charuto”, disse ele.

Peguei um charuto e o enfiei no bolso.

“Quero que encontre minha mulher”, disse ele. “Ela está desaparecida há um mês.”

“OK”, disse eu. “Vou encontrar sua mulher.”

Ele pousou com força a palma das mãos na mesa. Olhou para mim com firmeza. “Acho que vai”, disse. Depois sorriu. “Há quatro anos ninguém me desarma desse jeito.”

Eu não disse nada.

“Dane-se”, disse ele. “Eu gostei de ver. Gostei mesmo.” Passou a mão pelo cabelo, que era espesso e escuro. “Faz um mês que ela sumiu”, disse. “De um chalé que nós temos na montanha. Perto de Puma Point. Você conhece Puma Point?”

Eu lhe disse que conhecia Puma Point.

“Nossa propriedade fica a cinco quilômetros do vilarejo”, disse ele, “e parte dela numa estrada particular. É num lago particular, Little Fawn Lake. Existe uma represa lá, construída por três de nós para valorizar o terreno. Sou dono daquela área, eu e mais dois sujeitos. É bastante grande, mas pouco explorada, e agora vai passar algum tempo antes que consigam explorá-la, é claro. Meus amigos têm chalés lá. Eu tenho um, e um cara chamado Bill Chess mora noutra chalé com a mulher dele, sem pagar aluguel, e é ele quem cuida do local. É um veterano de guerra por invalidez e recebe uma pensão. Isso é tudo que existe lá. Minha mulher foi para lá em meados de maio, desceu duas

vezes até aqui nos fins de semana, devia voltar em 12 de junho para uma festa e não apareceu. Não a vejo desde essa época.”

“O que fez a respeito?”, perguntei.

“Nada. Nada mesmo. Nem sequer fui até lá.” Ele fez uma pausa, esperando que eu lhe perguntasse por quê.

“Por quê?”, perguntei.

Ele empurrou a cadeira para trás, destrancou e puxou uma gaveta num dos arquivos. Retirou uma pasta de documentos e a estendeu. Abri-a e vi que continha um telegrama. Tinha sido enviado de El Paso em 14 de junho às 9h19 da manhã. Estava endereçado a Derace Kingsley, 965 Carson Drive, Beverly Hills, e dizia:

CRUZANDO FRONTEIRA PARA DIVÓRCIO NO MÉXICO PT
CASAREI COM CHRIS PT BOA SORTE E ADEUS CRYSTAL.

Pousei isso sobre a mesa, e ele me estendeu uma cópia grande e nítida de uma foto em papel reluzente. A foto mostrava um homem e uma mulher sentados na areia da praia embaixo de um guarda-sol. O homem vestia calção e a mulher usava algo que parecia um traje de banho muito provocante em raio lustroso. Ela era uma loura esguia, jovem, bem-feita e sorridente. O homem era um sujeito moreno, maciço, bonitão, com belos ombros e belas pernas, cabelos negros e lisos e dentes brancos. Um metro e oitenta de um modelo padrão de destruidor de lares. Braços para apertar com gosto uma mulher e todo o cérebro espalhado pelo rosto. Segurava na mão um par de óculos escuros e sorria para a câmara com um sorriso fácil, experiente.

“Essa é Crystal”, disse Kingsley, “e este é Chris Lavery. Ela pode ficar com ele e ele pode ficar com ela, e os dois podem ir para o inferno.”

Pousei a foto sobre o telegrama. “Muito bem, qual é o problema então?”

“Não há telefone lá na serra”, disse ele, “e a festa onde ela era esperada também não tinha muita importância. Quando o telegrama chegou eu não tinha pensado muito no assunto. Fiquei só um pouco surpreso. Crystal e eu já entregamos os pontos há

anos. Ela vive a vida dela e eu vivo a minha. Ela tem seu próprio dinheiro e não é pouco. Cerca de vinte mil por ano, através de uma empresa da família dela que detém contratos valiosos de petróleo no Texas. Ela vive namorando por aí e eu soube que Lavery era um dos seus queridinhos. A única coisa que me surpreende um pouco é que eles viessem de fato a se casar, porque o cara é um sedutor profissional. Mas até esse ponto a coisa parecia fazer sentido, entende?”

“E depois?”

“Nada, durante duas semanas. Então o Hotel Prescott em San Bernardino entrou em contato comigo e disse que um Packard Clipper registrado em nome de Crystal Grace Kingsley, no meu endereço, estava em sua garagem sem ser requisitado por ninguém, e perguntou se podia fazer algo a respeito. Respondi que guardassem o carro e mandei um cheque. Isso também não teve desdobramentos. Imaginei que ela estaria fora do estado e que se os dois tivessem viajado juntos de carro teria sido no carro de Lavery. Anteontem, no entanto, encontrei Lavery na frente do Athletic Club, aqui na esquina. Ele disse que não tinha ideia do paradeiro de Crystal.”

Kingsley me lançou uma olhadela e trouxe uma garrafa e dois copos coloridos para cima da mesa. Serviu dois drinques e empurrou um na minha direção. Ergueu o copo contra a luz e falou devagar:

“Lavery me disse que não tinha fugido com ela, não a via fazia dois meses e não tinha feito qualquer tipo de contato com ela.”

“Acreditou nele?”, falei.

Ele assentiu, franzindo a testa, sorveu o drink e empurrou o copo para o lado. Provei o meu. Era scotch. Não um bom scotch.

“Se acreditei nele”, disse Kingsley, “e provavelmente errei em fazê-lo, não é porque ele seja um sujeito em quem você normalmente acredita. Longe disso. É porque é um filho da puta, um inútil, que pensa que é esperto porque vai para a cama com as esposas dos amigos e se vangloria disso. Acho que ele ficaria

animado se pudesse me dizer que tinha convencido minha mulher a fugir com ele e me deixar na mão. Conheço esse tipo de gente e conheço bem demais esse sujeito. Ele trabalhou um tempo aqui na empresa e sempre esteve envolvido em algum tipo de problema. Não podia manter as mãos afastadas das funcionárias do escritório. Além disso, havia o telegrama de El Paso, e eu falei com ele a respeito; por que motivo ele iria achar que valia a pena mentir?”

“Talvez ela o tenha feito de otário”, disse eu. “Isso o teria ferido num lugar muito sensível — seu complexo de Casanova.”

O rosto de Kingsley se iluminou um pouco, mas não por muito tempo. Ele balançou a cabeça. “Ainda assim continuo acreditando nele”, disse. “Vai ter que provar que estou errado. É em parte por isso que mandei chamá-lo. Mas existe outro ângulo, que me preocupa muito. Tenho um emprego sólido aqui, mas é um emprego, acima de tudo. Não posso me submeter a um escândalo. Eu seria sumariamente demitido se minha mulher arranjasse um problema com a polícia.”

“Polícia?”

“Entre outras atividades”, disse Kingsley num tom pensoso, “minha esposa de vez em quando acha tempo para surrupiar coisas em lojas de departamentos. Acho que é apenas uma espécie de ilusão de grandeza que ela experimenta quando bebe mais do que costuma, e já tivemos algumas cenas bem desagradáveis em escritórios de gerentes. Até agora consegui evitar que dessem queixa, mas se alguma coisa assim acontecer numa cidade estranha onde ninguém a conhece...” Ele ergueu as mãos e as deixou cair com força sobre o tampo da mesa. “Bem, podia ser uma questão de cadeia, não é verdade?”

“Já colheram as digitais dela?”

“Ela nunca foi presa”, disse ele.

“Não quis dizer isso. Às vezes, em grandes lojas de departamentos, eles exigem, para não dar queixa, que a pessoa deixe as impressões digitais. Isso assusta os amadores e ajuda a criar um arquivo de cleptomaníacos na associação protetora deles. Quando as digitais de alguém começam a chegar com certa frequência, eles tomam providências.”

“Nada disso ocorreu, ao que eu saiba”, disse ele.

“Bem, acho que podemos deixar de lado essa questão dos furtos, por enquanto”, falei. “Se ela tivesse sido presa, eles a revisitariam. Mesmo que os policiais consentissem que ela usasse um nome qualquer inventado no boletim de ocorrência, eles acabariam entrando em contato com você. E por outro lado, se ela se visse numa encrenca, começaria a gritar por socorro.” Bati com a ponta dos dedos no telegrama branco e azul. “E isto aqui é de mais de um mês atrás. Se isso que você está pensando tivesse acontecido nessa época, a esta altura tudo já estaria esclarecido. Se fosse um caso de primeiro delito, ela podia escapar com uma reprimenda e uma suspensão de sentença.”

Ele serviu outro drinque para ajudar na sua preocupação. “Você está me aliviando um pouco”, falou.

“Há inúmeras coisas que podem ter acontecido”, disse eu. “Ela pode ter de fato fugido com Lavery, só que depois os dois brigaram. Pode ter fugido com outro homem e o telegrama é um despiste. Pode ter fugido sozinha, ou com uma mulher. Pode ter bebido todas e agora está numa clínica particular fazendo desintoxicação. Pode ter se metido em alguma confusão da qual não fazemos ideia. Pode ter sido vítima de violência.”

“Meu Deus, não diga isso”, exclamou Kingsley.

“Por que não? Você tem que considerar a possibilidade. Tenho uma vaga ideia sobre quem é a sra. Kingsley. Ela é jovem, bonita, inquieta, difícil de controlar. Ela bebe e faz coisas perigosas quando bebe. Ela adora homens e pode muito bem ter se envolvido com um homem mal-intencionado. Parece com ela?”

“Cada palavra”, disse ele, com um gesto afirmativo.

“Quanto dinheiro ela podia ter consigo?”

“Ela sempre gostava de ter dinheiro à mão. Ela tem seu próprio banco, sua própria conta bancária. Podia ter tanto dinheiro quanto quisesse.”

“Filhos?”

“Sem filhos.”

“Você administra os negócios dela?”

Ele meneou a cabeça. “Ela não tem negócios, a não ser depositar cheques e retirar dinheiro para gastá-lo. Ela nunca investiu um centavo. E o dinheiro dela com certeza não me traz nenhum benefício, se é isso que você está pensando.” Fez uma pausa e continuou: “Não pense que não tentei. Sou humano, e não é fácil ver vinte mil dólares anuais descendo pelo ralo e uma pessoa sem nada para mostrar em troca disso, a não ser uma série de ressacas e namorados do nível de Chris Lavery.”

“Qual é sua relação com o banco dela? Você pode conseguir um relatório detalhado dos cheques que ela sacou nos últimos dois meses?”

“Eles não me diriam. Certa vez tentei conseguir esse tipo de informação, quando me pareceu que ela estava sendo chantageada. Tudo que consegui foi dar com a cara na porta.”

“Podemos consegui-lo”, disse eu, “e talvez seja essencial. Para isso vamos ter que ir ao Departamento de Pessoas Desaparecidas. O que acha disso?”

“Se achasse uma boa coisa não teria chamado você”, disse ele.

Concordei, juntei de volta meus papéis e os guardei no bolso. “Pode haver mais aspectos nesta história do que consigo enxergar agora”, falei, “mas vou começar conversando com Lavery e depois subir até Little Fawn Lake e fazer algumas perguntas. Preciso do endereço de Lavery e um bilhete de apresentação para o sujeito que cuida de sua casa na montanha”.

Ele pegou um papel na escrivaninha, rabiscou alguma coisa e me estendeu. Li: “Caro Bill. Estou lhe apresentando o sr. Philip Marlowe, que vai dar uma olhada em nossa propriedade. Por favor mostre a ele meu chalé e o ajude no que for necessário. Abraço, Derace Kingsley.”

Dobrei o papel e o enfiei no envelope que ele havia endereçado enquanto eu lia o bilhete. “E quanto aos outros chalés lá em cima?”, perguntei.

“Ninguém foi lá ainda este ano. Um dos caras está trabalhando para o governo em Washington e o outro está em Fort Leavenworth. As esposas estão com eles.”

“Bem, agora quero o endereço de Lavery.”

Ele fitou um ponto situado bem acima da minha cabeça. “Fica em Bay City. Eu sei como chegar na casa mas esqueço o endereço. Acho que a srta. Fromsett pode consegui-lo. Ela não precisa saber por que motivo você quer o endereço. Provavelmente saberá. E se não me engano você disse que cobra cem dólares adiantados.”

“Tudo bem”, falei. “Foi só algo que falei quando você estava pisando no meu pé.”

Ele sorriu. Me ergui e por alguns instantes hesitei ao lado da mesa, olhando para ele. Depois de um momento, falei: “Você não está escondendo nada, está? Nada importante?”

Ele olhou para a ponta do polegar. “Não. Não estou escondendo nada. Estou preocupado e quero saber onde ela está. Estou muito preocupado. Se descobrir alguma coisa, pode me ligar, de dia ou de noite.”

Respondi que o faria, apertamos as mãos e eu retornei à fria sala de espera, onde a srta. Fromsett continuava elegantemente sentada à mesa.

“O sr. Kingsley acha que a senhorita pode me conseguir o endereço de Chris Lavery”, disse eu, olhando o rosto dela.

Ela estendeu o braço bem devagar para uma agenda com capa de couro marrom e virou as páginas. Sua voz estava contida e fria quando ela respondeu.

“O endereço que temos é 623 Altair Street, em Bay City. O telefone é Bay City 12523. O sr. Lavery não trabalha mais conosco há mais de um ano. Pode ser que tenha se mudado.”

Agradei e me encaminhei para a porta. De lá olhei para ela novamente. Estava sentada muito quieta, com as mãos cruzadas sobre a mesa, olhando o espaço à frente. Duas manchas vermelhas ardiavam em suas bochechas. Os olhos estavam amargos e remotos.

Fiquei com a impressão de que Chris Lavery não lhe despertava bons pensamentos.